

O colapso do passado e a incerteza do futuro: a figura do guerreiro Eneias em Giorgio Caproni, por Fabiana Assini

Literatura Italiana Traduzida ISSN 2675-4363 ENRICO TESTA FABIANA ASSINI GIORGIO CAPRONI PATRICIA PETERLE POESIA CONTEMPORÂNEA POESIA ITALIANA em maio 08, 2020

Não é novidade que a experiência da Segunda Guerra Mundial impactou a sociedade e literatura italiana. Para alguns escritores, como o poeta Giorgio Caproni (1912-1990), essa experiência bélica tornou-se um evento intrínseco à sua vida, afetando sua existência e consequentemente, sua escrita. Em sua poética, a guerra não é simplesmente um evento histórico com início, meio e fim, mas algo que dura/perdura ao longo do tempo: um dado, como explica Enrico Testa (CAPRONI, 2017), incancelável. É uma “guerra / penetra nell’ossa”, para recuperar os versos do terceiro lamento caproniano, que marca, de fato, um acontecimento dissociável de seu ser, de seu corpo. A poesia, portanto, além de se mostrar como “uma resposta a esses momentos difíceis, às experiências limites vivenciadas” (CAPRONI, 2017, p. 23), também é o espaço onde a dor individual nos tempos de guerra toma a esfera do coletivo, onde o intercâmbio de experiências se faz possível.

No olhar de Caproni, a violência do período bélico é percebida como uma violência que também deixa rastros na condição existencial do homem. Uma existência que o poeta compara à figura de Eneias, personagem anunciado na coletânea *Il passaggio d’Enea*, de 1956. Eneias é o herói da *Eneida* de Virgílio, guerreiro troiano que consegue fugir da guerra contra os gregos, levando consigo seu pai e seu filho, no percurso pelo Mediterrâneo até chegar na península itálica. Uma das representações dessa fuga é o monumento atualmente localizado na Piazza Bandiera, em Gênova.



Esculpida em 1726, pelo artista Giovanni Baratta, a estátua retrata o guerreiro Eneias sustentando o peso de seu pai, Anquises, que parece escalar o corpo do filho. Também temos a imagem de Ascânio, herdeiro de Eneias, que é guiado pela mão enquanto mantém seu olhar para cima. No período fascista, essa escultura se vinculou a um símbolo político, pois sua monumentalidade, império e potência evocavam imagens e sentimentos que aproximavam o sonho fascista de retomar valores do passado. É uma estátua que evidencia a imagem de um guerreiro e sobrevivente da guerra de Troia.

Por sua vez, para Caproni, a figura de Eneias assume outro significado. Ao contrário de ser estática e congelada como sugere uma estátua, na coletânea caproniana *Il passaggio d'Enea*, se observa um movimento, uma passagem. De acordo com Surdich (1990), Eneias representa o colapso do passado e a incerteza do futuro, o drama de um amanhã desconhecido, principalmente se interpretamos a presença de Anquises como uma referência ao passado, que com toda sua bagagem influencia, de certo modo, Eneias, em contraponto com a figura de Ascânio, que, ainda sem conseguir caminhar sozinho, representa o futuro. Durante os bombardeios da guerra, a estátua se manteve praticamente ilesa em meio aos edifícios destruídos e aos destroços da praça. A figura assume assim a imagem do homem contemporâneo, na qual o passado está destruído, em ruínas, e o futuro é incerto; a escultura representa a solidão do mundo moderno. É a reflexão proposta pelos próprios versos capronianos:

[...] Enea che in spalla
un passato che crolla tenta invano
di porre in salvo, e al rullo d'un tamburo
ch'è uno schianto di mura, per la mano
ha ancora così gracile un futuro
da non reggersi ritto. [...]

[Estrofe IV, da subdivisão *Versos* do poema “Il Passaggio d'Enea”]

[...]Eneias que no ombro
um passado demolido tenta em vão
salvar, e ao rufar de um tambor
que é um muro desabado, pela mão
ainda conduz tão grácil um futuro
que não para em pé. [...]

Nessa coletânea poética que menciona Eneias, encontramos referências do imediato pós-guerra, das “ruínas invisíveis”, como aponta Surdich (1990), do reconhecimento do destino de Eneias. Maurizio Bettini (2001) aponta para um Eneias visto como “símbolo da trágica conjuntura na qual se encontra a humanidade moderna. Às costas, a guerra [...]; em frente um futuro débil e incerto, talvez enganador; e quanto ao cenário presente, ele é constituído somente por ruínas” (2001, p. 106-107). Caproni mostra-se como um articulador do passado, para retomar o pensamento

de Benjamin: ele não tenta fazer uma recuperação do que de fato foi, do que de fato aconteceu, mas se apropria de uma reminiscência. Ou seja, o poeta utiliza o personagem mitológico e tudo o que vem atrelado a ele, trazendo para um tempo e espaço contemporâneos ao seu.

Fabiana V. Assini
Doutoranda UFSC

Referências utilizadas no texto:

CAPRONI, Giorgio. *A coisa perdida*: Agamben comenta Caproni. Com organização e tradução de Aurora Fornoni Bernardini. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011, p. 116-117.

CAPRONI, Giorgio. *A porta morgana*: ensaios sobre poesia e tradução. Organização, introdução e tradução de Patricia Peterle; com prefácio de Enrico Testa. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2017.

SURDICH, Luigi. *Giorgio Caproni. Un ritratto*. Genova: Edizioni Costa & Nolan, 1990.

BETTINI, Maurizio. *Il passaggio d'Enea* di Giorgio Caproni. In: GRECO, Lorenzo (a cura di). *Omaggio a Caproni*. Provincia di Livorno: Pacini Editore, 2001, p. 101-115.

* Esta reflexão faz parte da dissertação de mestrado intitulada *Corpo e poesia em Giorgio Caproni*, defendida em novembro de 2019.